



Kalandula, Angola 2013

Rede de Estudos Ambientais Países de Língua portuguesa - REALP

por Manuela Morais

Tal como publicámos no último número, no passado mês de Março realizou-se o XV Encontro Rede de Estudos Ambientais de Países de Língua Portuguesa (REALP), em Luanda, Angola, com a Universidade Agostinho Neto como anfitriã. Incluímos neste número a ata geral do Encontro da autoria do nosso colega Prof. João Serôdio, onde são descritas os objetivos do Encontro e as atividades desenvolvidas, com destaque para os principais pontos do discurso da Secretária de Estado do Ensino Superior, Prof.^a Doutora Augusta Martins Silva, na sessão solene de abertura.

Neste Encontro foi também aprovado o local do XVI Encontro, que a convite da Universidade da Amazônia terá lugar em Manaus, em 2014. De entre as várias propostas para o tema geral do próximo Encontro, as questões relacionadas com "Interculturalidade e Sustentabilidade Ambiental" são do agrado da maioria dos membros. Assim, antecedendo a discussão à volta do tema, incluímos neste número um artigo de opinião intitulado "Competência Intercultural e Sustentabilidade: duas faces da mesma moeda" da autoria do Prof. Paulo Alves Pereira, do Dept. de Artes Cénicas da Universidade de Évora. No mesmo sentido, convidámos a Prof. Laura Duarte da UnB, presentemente no Egito, como consultora Visitante no "International Center for Agricultural Research in the Dry Areas – ICARDA", onde

desenvolve atividades de pesquisa junto das comunidades beduínas do deserto do Noroeste da zona costeira (NWCZ). Em nossa opinião, o artigo "Comunidades beduínas de Matrough, Egito: desvelando o mundo das mulheres e suas vulnerabilidades", retrata a importância da interculturalidade para um entendimento a nível global. O terceiro artigo da autoria da Prof. Maria Amélia Martins-Loução com o título "O azoto: um bem para usar com conta, peso e medida", refere-nos de forma clara como o azoto tem sido um dos pilares da sustentabilidade da vida na Terra, que necessita contudo a procura de melhores opções para uma gestão sustentável da sua utilização à escala global.

Noticiamos igualmente acontecimentos futuros de interesse para a REALP, como seja a o XXIII Encontro da AULP que se vai realizar de 9 a 11 de Junho em Belo Horizonte e onde se irá discutir o papel das universidades nos países de Língua portuguesa. A REALP estará presente através do Prof. João Serôdio da UAN e do Prof. João Nildo de Souza Vianna da UnB, que apresentaram os objetivos da REALP. Informamos igualmente sobre o desenlace da proposta noticiada no último número, de agraciar o *professor Othon Henry Leonardos com o título de professor emérito da Universidade de Brasília, como reconhecimento de quarenta anos de trabalho e dedicação competentes.*



Maio 13

NESTE NÚMERO ... entre outros



Competência Intercultural e Sustentabilidade duas faces da mesma moeda. Páginas 2 a 8



Comunidades beduínas de Matrough, Egito Páginas 8 a 14



Parabéns mestre!

Página 17

DESTAQUE

XV Encontro da Rede de Estudos Ambientais dos Países de Língua Portuguesa – REALP Luanda, 11 a 15 de Março de 2013

por: João Serôdio de Almeida |UAN, Angola
mserodio1@hotmail.com



1. Introdução

O XV Encontro da REALP foi marcado no XIV Encontro realizado na cidade de Recife, Pernambuco, Brasil, depois da Universidade Agostinho Neto ter sido admitida para integrar as Rede e por convite expresso do Reitor da UAN.

Inicialmente marcado para ser realizado em Agosto de 2012, foi adiado por razões das eleições gerais de Angola terem sido marcadas para a mesma data. Depois de consultadas todas as partes, foi decidido remarcar o XV Encontro para as primeiras semanas de Março de 2013 e finalmente para o período de 11 a 15 de Março.

Ainda em Recife, também foi proposto pelo representante de Angola que o tema abordasse a problemática dos assentamentos humanos que estavam a ser construídos em Angola a ritmo acelerado, sem que fossem devidamente aprofundados assuntos de ambiente, integração social, equilíbrio económico e de direito, das populações dos novos assentamentos.

Ficou então acertado que o tema do Encontro tivesse por título: **Sustentabilidade de Assentamentos Humanos e Inclusão Social**.

2. Organização do Encontro

Para a organização do Encontro, além da Comissão Organizadora da Rede constituída pelo Prof. Doutor João Nildo Vianna da Universidade de Brasília, da Prof.^a Doutora Manuela Morais da Universidade de Évora, da Prof.^a Doutora Lia Vasconcelos da Universidade Nova de Lisboa e do Prof. João Serôdio de Almeida da Universidade Agostinho Neto, foi constituída uma Comissão da UAN presidida pelo Pro Reitor para a Cooperação, Prof. Doutor Agatângelo Eduardo, Prof. João Serôdio de Almeida como Secretário Executivo, pelo Senhor Cristóvão do Protocolo da UAN e pelo Director dos Serviços de Administração, Dr. Miese.

A principal preocupação da Comissão local foi a organização logística referente a hospedagem, alimentação e transportes

internos para os participantes membros da Rede, a quem por acordo da Rede, devem ser pagas essas despesas.

Foi assim procurado um hotel que deveria ficar próximo do Campus da UAN onde iriam decorrer os trabalhos e foi contratado um serviço de prestação de refeições que o fizesse dentro do Campus.

Uma inovação introduzida neste evento, foi o de levar os participantes visitantes, a fazer uma viagem de estudo a locais que estariam abrangidos por propostas para desenvolver projectos de investigação científica através de cursos de Mestrado e Doutoramento em Rede, antes do início das sessões de trabalho do Encontro, o que acreditamos, deu uma visão mais concreta do que se pretendia, ao mesmo tempo que a imagem do país ficou um pouco mais abrangente.

Normalmente a ideia com que os visitantes ficam de Angola é a realidade de Luanda, com os imensos engarrafamentos de trânsito e um caos social que não exemplifica o país.

Assim, nos dias 11 e 12 de Março, todos os representantes da Rede foram em viagem de autocarro a Malange, Calandula (onde se pernitoiu), barragem de Capanda e futura barragem de Laúca.

Ao viajarem mais de mil quilómetros em boas estradas asfaltadas, verificaram que a centenas de quilómetros da cidade capital há uma vida organizada e com melhor qualidade, dá a quem nos visita uma outra perspectiva, principalmente a pessoas a quem temos por objectivo solicitar ajuda para desenvolver os referidos projectos de trabalho técnico e científico.

Nos dias 13, 14 e 15 de Março decorreram então os trabalhos do Encontro, que seguiram o programa aprovado. Também na organização da agenda houve uma inovação, que dedicou a primeira sessão de trabalhos, a apresentar e discutir possíveis projectos de trabalho em investigação técnica e científica, de preferência

incluindo os membros da Rede, afinal o objectivo principal da organização.

Foram então apresentadas 18 propostas de Projectos, que deverão agora ser bem estudados, discutidos entre as partes interessadas e postas em marcha tão logo seja possível. Destas propostas provavelmente cerca de quatro poderão ser activadas antes do XVI Encontro previsto para Manaus em 2014. A inclusão destas propostas na agenda de trabalhos, poderá no futuro passar a item primordial dos trabalhos dos futuros Encontros, havendo à partida um motivo mobilizador para a participação da maioria dos integrantes da rede, o que não aconteceu no XV Encontro, com o registo de muitas ausências.

No dia 13, das 8H30 às 10H00, antes da abertura solene do XV Encontro, e depois no dia 15 depois do Encerramento do mesmo Encontro, realizaram-se reuniões internas da Rede, para discutir vários temas sobre a organização, acções em curso e trabalhos futuros. Estas reuniões são de particular interesse para o sucesso da REALP, uma vez que é necessário uma permanentemente actualização dos procedimentos entre as partes, definirem-se metas a atingir, aprovarem-se novas candidaturas de membros para a Rede.



Abertura solene do XV Encontro da REALP

3. Sessão de Abertura

A sessão de abertura do XV Encontro da REALP, foi presidida pela Secretária de Estado do Ensino Superior, Prof.^a Doutora Augusta Martins Silva, precedida pelo discurso de boas vindas do Reitor da UAN.

No seu discurso ressaltou os seguintes pontos que transcrevemos:

1. *Importância destes eventos ficarem alojados em Instituições de Ensino Superior que absorvem e divulgam o saber;*
2. *Preocupação do Executivo em questões ligadas ao Ambiente, particularmente no concernente a estudos de impacte ambiental;*
3. *Cursos na área ambiental fazem parte do grupo de défice muito forte ou inexistente no Plano Nacional de Formação de Quadros, Programa do Executivo para o período 2013-2020.*
4. *Com iniciativas como esta da REALP, esperamos que possam contribuir para a formação de quadros*

Também o Magnífico Reitor teceu algumas considerações de ênfase para os trabalhos da Rede, nomeadamente, fazendo um resumo do historial da ligação da UAN à Rede e do compromisso assumido em Recife para realizar este XV Encontro. Espera-se agora que os trabalhos decorram como programados e que se cheguem a conclusões e recomendações que sirvam os interesses da Rede.

4. Sessões de Trabalho

Dia 13/03/2013

1ª Sessão: 11H30-13H00

Logo após o encerramento da sessão de abertura, deu-se início à 1ª sessão de trabalhos, com a apresentação das propostas de projectos de estudo que poderiam ser realizados pela Rede, dando-se a possibilidade a cada membro de apresentar as suas propostas.

2ª e 3ª Sessões: 14H30-18H30

Assim de uma listagem inicial de 8 propostas, surgiram mais 10, que foram discutidas em pormenor.

Dia 14/03/2013

4ª, 5ª, 6ª e 7ª Sessões: 08H30-19H00

Foram apresentadas as comunicações previstas no Programa aprovado, sendo as conclusões de cada sessão apresentadas pelos seus moderadores.



Dia 15/03/2013

8ª Sessão: 08H30-12H30

A 8ª Sessão de Trabalhos foi dedicada às reuniões parcelares dos grupos criados para discutir cada um dos projectos propostos na 2ª Sessão, terminando com a apresentação das conclusões e propostas de cada um.

Às 15H00 foi feita a Sessão de Encerramento do Encontro, pelo Pró-Reitor para a Cooperação da UAN e Presidente da Comissão Organizadora local.

Das 16H00 às 18H30 e depois da Sessão de Encerramento e tal como já foi descrito acima, os representantes da Rede voltaram a reunir, para dar continuidade à discussão dos problemas internos da Rede.

De entre várias decisões foi aprovado o local do próximo XVI Encontro, que a convite da Universidade da Amazônia terá lugar em Manaus, em 2014.

Luanda, 01 de Abril de 2013



Competência Intercultural e Sustentabilidade: duas faces da mesma moeda

por: Paulo Alves Pereira | Dept. Artes Cénicas | Universidade de Évora | papereira@uevora.pt

Não basta falarmos num justo e equilibrado aproveitamento dos recursos, se temos por preocupação salvarmos o nosso planeta. Além do mais, para que se processe esta partilha dos recursos dentro dos princípios elementares do humanismo é imperioso que nos preocupemos mais com a condição humana, com a paz,



com a procura de formas de co-habitação e de intercâmbio mais justas. Falarmos hoje de ecologia, significa, em primeiro lugar, reflectirmos sobre a qualidade de vida das camadas populacionais em todos os continentes; procurarmos a todo o custo a manutenção da paz universal; o respeito pelo indivíduo, independentemente do grupo social a que pertence, independentemente da sua origem étnica, do seu credo, do seu género e do seu grupo etário. Precisamos urgentemente de novas estratégias que nos ajudem a ultrapassar as barreiras existentes entre culturas.

A competência intercultural representa pois uma atitude comportamental na interacção do indivíduo com o mundo, pelo importância que atribui à capacidade de interagir, de forma bem sucedida e sensível em termos culturais, com membros de outras culturas. Neste sentido, seremos levados forçosamente a relacionar a aprendizagem "intercultural" na nossa interacção com um meio ambiente cultural alienígena.

Levando em linha de conta não só os processos conscientes de formação, mas também processos informais e acidentais, o conceito de aprendizagem cultural correlaciona expressamente os factos com os quais "as pessoas aprendem antes de ou paralelamente a toda a formação organizada"¹.

Portanto, a atitude "do que acontece naturalmente" perante os encontros e as experiências de aprendizagem pedagogicamente preparados e encenados transforma-se assim numa problemática central. Embora na investigação em psicologia social subsista ainda a teoria da "hipótese de contacto", baseando-se na ideia de que só com o aumento da interacção entre os membros de dife-

rentes grupos culturais se pode melhorar a relação entre grupos, os resultados de investigações nos diversos campos do intercâmbio de culturas tornaram claro que isto não é bem assim². Sabemos hoje, por exemplo, que a introdução de turmas culturalmente mistas, em lugar de conduzir à desconstrução de estereótipos étnicos e a uma maior tolerância, acabou, em muitíssimos casos por aumentar a recusa de colaboração entre os diferentes grupos. Até mesmo os contactos turísticos em países estrangeiros não são, em si, suficientes para demolirem estereótipos e podem, em muitos casos contribuir para o fortalecimento de valorações negativas já existentes. Isto resulta do facto de, como sublinha Otten, "os mesmos hábitos de percepção selectivos para a interpretação dos estímulos culturais dos outros" não estarem à disposição³.

Numa longa linha de pesquisa, chegou-se à conclusão de que só sob condições muito especiais e apenas em algumas formas de interacção são de se esperar determinadas efeitos positivos, como a construção da aceitação, simpatia, etc⁴. Como pressupostos sociais e situacionais indispensáveis são considerados, entre outros factores, o voluntarismo do contacto, a igualdade de estatutos, a intensidade, nomeadamente, a profundidade do contacto, assim como o suporte normativo do contacto. Condições pessoais prévias são, por exemplo, a estabilidade emocional, a abertura a novas experiências e uma reduzida atitude etnocêntrica entre os participantes.

Perante tal número de pressupostos limitativos, não é de admirar o fracasso a que por vezes se assiste nos encontros interculturais. Streek insiste em que um tal "mecanismo de reprodução do

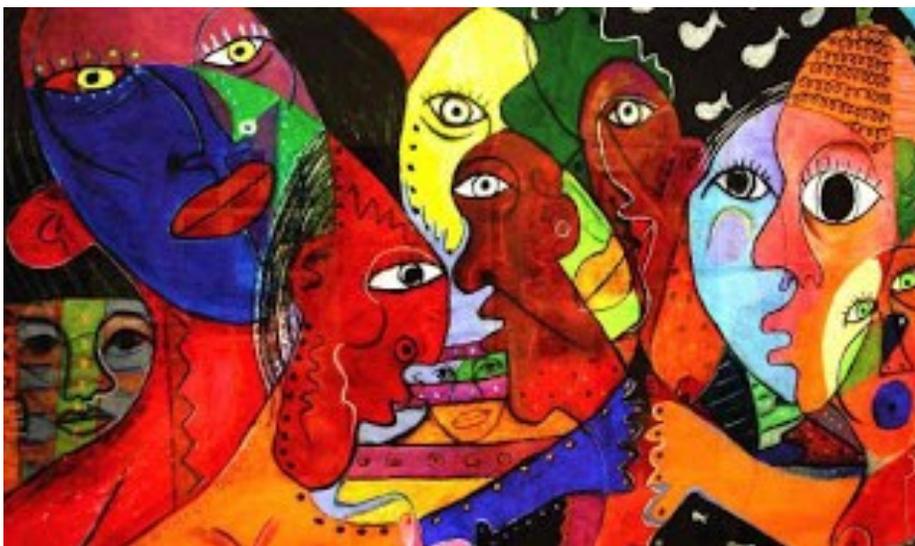
falhanço da comunicação”⁵ nos encontros de cultura não pode ser pressionado: “em cada simples contacto inter-étnico ambas as partes tem uma boa oportunidade de “nadar contra a corrente”, para impedir a tendência quase pulsante para a génese do cisma e por cima das fronteiras étnicas descobrir afinidades, que permitam que haja comunicação”. Ao mesmo tempo que fala de uma tendência quase pulsante para a génese do cisma, ele confirma, afinal, que só o fomento de encontros não estabelece uma via concreta para a aprendizagem intercultural. A preparação da formação intercultural detém, por isso, um significado especial.

por exemplo, a etnologia, a psicologia transcultural ou a linguística. Vamos, a seguir, apresentar alguns dos pilares necessários, em que procuraremos estabelecer as linhas de ligação, através da introdução de novos conceitos da antropologia da cultura, do inter-actionismo simbólico e do constructivismo social.

O conceito de cruzamento cultural remete para Lewin: os parceiros de interacção encontram-se “ao mesmo tempo em mais de uma situação”, correspondente a uma “região cognitiva não estruturada”⁶, porque têm diferentes mundos de representações, que trazem consigo para as situações de encontro. Nas situações de cruza-

mento como sendo “para pessoas relativamente inexperientes, socialmente desordenadas e, nessa desordem, como domínios da vida que não são resolúveis. Faltam categorias de percepção adequadas, receitas de actuação (rotinas), padrões de interpretação e estratégias de afastamento. O insucesso da função de orientação da cultura, que é, em primeiro lugar, para um indivíduo inserido na sua estrutura social, capacidade de comunicação e actuação – de acordo com a correspondente envolvimento e efemeridade que encerra – tem como consequência consideráveis peso e desestabilização. Ao “emergir-se”, de forma intensa e, especialmente, de forma voluntária numa cultura alienígena, podem surgir reacções de sobrecarga, que, em investigação, são debatidas sob os termos “stress cultural” ou “choque cultural”⁸.

Em todas as situações de comunicação e interacção, são necessárias tanto capacidades receptivas como produtivas para a expressão de actuações verbais e para as correspondentes atitudes não verbais. O problema da compreensão consiste, em geral, em levar o que já foi vivenciado, nomeadamente, os saberes organizados, até à identificação de significados. O âmago da problemática intercultural da compreensão reside na diferença desses padrões estruturais e nos seus alicerces, em que o saber se organiza de forma dependente da cultura. Tais padrões estruturais não são essenciais, em sentido restrito, para o processo de compreensão, mas sim para todos os processos que desempenham um papel, isto é, são também exemplares para os processos de percepção e de memória. Tannen apresenta um curto esboço sobre a origem de conceitos, sobre os diferentes contextos teóricos (sobretudo na psicologia, na sociologia e na linguística), em que se tem recuperado significados originais, assim como ainda mal destrinchadas zonas obscuras de significado, que, entretanto, se constituíram⁹. Para simplificar o debate, esta autora debruça-se sobre os conceitos mais latos relativos à “Estrutura de Expectativa”: o saber organizado – do ponto de vista de uma determinada cultura e das experiências que nela são possíveis – é reactivado quando se trata de reagir a novas informações, estímulos ou experiências. “Esta experiência primordial ou conhecimento organizado, toma, depois, a forma de expectativas, poupando ao



Mesmo que, entretanto, se conheçam alguns dos factores sócio-psicológicos influentes na definição do processo de aprendizagem intercultural, a representação do processo da “aprendizagem cultural” permanece esquemática, enquanto, em simultâneo, não se atinge uma mais exacta e substancial compreensão da cultura, da aquisição de cultura, do encontro cultural ou da adaptação cultural. A pedagogia intercultural tem feito muitos esforços para definir as metas deste processo de aprendizagem. Contudo, ainda há a necessidade de um fundamento cultural teórico, do qual se possam derivar as possibilidades e fronteiras básicas deste processo de aprendizagem. Como, até ao momento, não foi estabelecida uma base unitária em termos culturais teóricos, é obvio que tem relação com esta lacuna o facto de disciplinas com diferentes interesses em termos de conhecimentos, entendimentos teóricos e repertórios de métodos darem o seu contributo, como,

mento cultural encontram-se diferentes horizontes familiares. Numa metáfora de Levi-Strauss, entretanto estafada, os actores de uma comunidade cultural comportam-se como os elementos de uma orquestra, que organizam a sua apresentação musical através de uma partitura⁷. O que tem de ser evitado, num intercâmbio cultural, é o encontro com o outro como “uma atitude concertada”, de acordo com diferentes partituras, e a capacidade dos participantes de, em simultâneo, tocarem diferentes “peças culturais”. Uma ideia fundamental é a de comprovar como ineficazes e lacunares, em situações de interacção intercultural, os modelos habituais de actuação e as concepções da realidade do indivíduo culturalmente marcado: nem as próprias intenções de actuação podem ser realizadas da forma desejada, nem os modos de actuar do parceiro podem, sem mais, ser ordenados no próprio sistema de relação. Daí Winter caracterizar as situações culturais de cru-

indivíduo a maçada de imaginar coisas de novo e a toda a hora”²⁰. Particularmente as interacções sociais, são conduzidas por um complexo entrançado de expectativas recíprocas. Essas expectativas podem, por exemplo, orientar para o comportamento, numa determinada espécie de situação de comunicação, para complexos percursos de actuação e sequências de interacções, mas também para relações sociais, que se constituem através da comunicação. Os problemas da compreensão intercultural surgem não só através da confrontação com o desconhecido, mas também através da ordenação, interpretação e valoração do que é alienígena segundo as estruturas de expectativa cultural próprias. Na linguística costuma-se falar problema de interferência, no caso de falsa transmissão de padrões estruturais formais e semânticos da língua materna numa outra língua. Um semelhante problema de interferência cultural sobrecarrega o encontro de culturas, num sentido mais lato e basilar. Por exemplo, as unidades de sentido cultural (ao conhecermos alguém, falamos de determinados temas e outros evitamos-los; silenciámos outros, de acordo com a situação; usamos a oportunidade de agradecer ou de pedir desculpa num determinado momento), a que chama cultu-remas, dos meios comunicativos de realizar estes cultu-remas. Estes meios podem ser do tipo verbal, paraverbal, não verbal e extraverbal. Uma vez que estes “instrumentos de significação” se podem reforçar em paralelo, mas também serem utilizados de forma diferenciada no decurso, constitui-se um vasto repertório de expressões e, com ele, um correspondente repertório alargado de possíveis dissonâncias interculturais. Com este repertório de irritações condicionadoras da comunicação, o vasto leque de possíveis incompreensões e conflitos interculturais, contudo, ainda não está contornado. A comunicação não abrange apenas o conteúdo (mensagem) abertamente transmitido entre os parceiros de comunicação,

mas também, por exemplo, a relação entre os comunicadores, a qual, implicitamente, pode ser de reforço, ironia ou negação. É a isto que chamamos “metamensagem”. Se prestarmos atenção às outras funções da comunicação veremos que, além das funções de informação e relacionamento, também as funções expressiva e apelativa abrem novas dimensões reconhecíveis, nas quais a diferença cultural tem um papel. Enquanto que, por exemplo, uma cultura vê o sentido da comunicação como um acto em que os sentimentos são expressos, este facto pode ser desagradável ou ofensivo numa outra cultura. A comunicação e a interacção social relacionam-se, permanentemente, num quadro mais vasto de receptividade de fundo e conceitos, que, por exemplo, estabelecem o sentido e o modo de funcionamento das instituições sociais e as exigências de papéis que daí resultam. Tais conceitos são, por si mesmos, de novo, definidos através de específicas orientações de valor, através de uma determinada imagem das pessoas (o conceito de pessoa autónoma ou a representação de saúde anímica ou, nomeadamente, de doença), ou definida através de processo religioso de sentido. Portanto, não se trata, apenas, de incompreensões comunicativas de primeiro plano e sobre as suas “capacidades de reparação”²¹, mas trata-se sim de dificuldades de se fazer entender com o outro, quanto maiores e mais profundas forem as perspectivas de significação.

O conceito alargado de cultura, que subjaz a estas reflexões, revelou-se particularmente adequado para analisar processo de encontro de culturas e as dificuldades de transmissão de cultura. Assim, a cultura é (principalmente em ligação com os trabalhos de antropologia cultural) um sistema de sentidos válido para um maior grupo de pessoas ou, considerando de um outro ponto de vista a totalidade, partilhada por todos, dos sentidos comportamentalmente definidos. Continuando as reflexões sociológicas (sobre cons-

ciência e saber), poder-se-ia descrever a cultura como o “saber” comum a um dado grupo (o que incluiria os padrões de comportamento partilhados uns pelos outros), isto é, as expectativas cimentadas na consciência dos membros desta cultura, relativamente às habituais e normais “configurações de pensamento, sentimento e atitudes”²². Um tal conceito de cultura ligado ao sentidos teria as seguintes outras características:

- A tónica destas compreensões de cultura não reside em obras culturais e produtos da alta cultura, como a arte pictórica, a música, a poesia ou a teoria filosófica, mas sobre a cultura do quotidiano²³.

- A cultura só em parte surge abertamente à luz do dia, os domínios decisivos residem na consciência subjectiva e só se exteriorizam através de actuações, nomeadamente, nas interacções de uma comunidade de comunicação.

- A cultura é um fenómeno para ser compreendido como colectivo, mas não forçosamente étnico. Podem-se diferenciar culturas nacionais e regionais, mas também culturas de organizações ou de grupos profissionais. Se se consegue atingir a selectividade suficiente para se poder falar de uma “cultura”, trata-se de um questão de comparação de perspectivas e, claro, de uma questão empírica. Depende, portanto, de se um número relevante de pessoas está entretida num sistema de sentidos específico (isto é um grupo de comparação escolhido)²⁴. Às afirmações sobre a expansão de determinados padrões culturais, subjazem as habituais dificuldades empíricas de ordem sociológica, são, portanto, afirmações de probabilidades ou de tendência.

- A comunicação intercultural não tem lugar entre “culturas”, mas entre indivíduos, que participam, mais ou menos, nos diferentes sistemas culturais de sentido. A cultura pode – como uma língua ou uma história comuns – fomentar pertença e, com isto, contribuir para estabelecer identidade. A pertença cultural à diversidade oferece a possibilidade e cria a ne-



cessidade de interpretar distintamente a própria identidade. Os processos de etnicização procuram estabelecer apenas uma pertença a uma cultura nacional, como sendo esta a própria ou a “essencial”, e tendem a negar o sentido das outras comunidades culturais.

Para se poderem clarificar os processo de aprendizagem intercultural, deve-se ganhar a noção de como e com que consequências a cultura é “adquirida”. O conceito de enculturação e – mais claramente – o de marcação cultural dão a entender que, neste caso, tem lugar um processo de adaptação unilateral do indivíduo a uma herança cultural preexistente, uma espécie de “programação mental”²⁵. Em termos teóricos sociais, trata-se, neste caso, da socialização do indivíduo, que se pode ilustrar na interiorização de determinados gestos. O conceito de enculturação escolhe deste processo a fase inicial da primeira culturalização, relaciona-se, portanto, com a socialização primária, em que o sujeito infantil quase não consegue escapar ao mundo relevante que os outros lhe apresentam. Assim, é perfeitamente plausível ver a “marcação cultural” nesta fase como particularmente radical e duradoura nos efeitos, porque nesta fase “o processo de construção da personalidade”²⁶ se desenrola. Por isso, vários autores trabalharam com a ideia da “personalidade cultural básica” que aqui expomos. Claessens fala de uma “assunção do papel cultural”²⁷, que deve determinar também as possibilidades de uma posterior “aculturação”, isto é, a assunção de muitos outros elementos da cultura. Uma conclusão problemática, mas consequente, desta reflexão era a de que as orientações inculcadas na infância dificilmente são alteráveis, o que clarifica o perigo deste princípio que coisifica a marcação cultural e esquematiza uma determinada fase da vida.

Perante estas representações, há que objectar sistematicamente que elas só consideram uma face do processo da produção interactiva da realidade social e cultural, e que não levam suficientemente em linha de conta a dinâmica da cultura. “Uma adequada análise desta realidade é informada por padrões científicos de interpretação, que abrangem a atitude entre cultura e personalidade, não em termos de uma dependência unilateral, mas sim como atitude resultante de efeitos recíprocos (...)”²⁸. O saber, de um ponto

de vista sociológico, baseia este processo no intercâmbio de efeitos entre a interiorização subjectiva e a objectivação social. Enquanto que, por um lado, as pessoas interiorizam sentidos e são, portanto, culturalmente “marcadas”, na verdade até ao pormenor, nos seus mundos interiores de representações, por outro lado, elas produzem a cultura que as envolve, ao exteriorizarem correntemente representações, seja na forma de actos linguísticos ou através de diversas outras formas de actuação. Estas exteriorizações são “objectivas” e apreensíveis pelos outros em termos de sentido e, na verdade, não só quando se trata de objectos do mundo das coisas ou de um acto de fala, mas também quando se trata de modos “mudos” de comportamento de primeiro plano, os quais têm uma “voz” e são compreendidos dentro de uma comunidade de comunicação.

Uma consequência fundamental deste raciocínio sobre a reprodução quotidiana da cultura é que não exclui, antes condiciona alternadamente: ao nível da sociedade, a manutenção das tradições culturais, por um lado, e a mudança cultural, por outro e, ao nível do indivíduo marcado pela cultura, vínculos culturais particulares, por um lado, e abertura de princípio para o processo de aprendizagem intercultural. Neste passo é que entra em jogo a pedagogia, “pois as formas de consciência cultural e as orientações de actuação do sujeito socialmente activo ainda não foram definitivamente estabelecidas, antes se constituem num processo dialéctico dinâmico, são acessíveis por esta forma pedagógica”²⁹. Uma outra competência diz respeito a que a marcação cultural se opera apenas numa fase da vida. Mesmo perante o efeito, especialmente intenso e duradouro, de uma primeira culturalização – a ideia de que o processo de marcação cultural está, com isso, terminado, é errónea. As interacções sociais obrigam permanentemente a expressar representações da realidade social e a comparar as expectativas culturais com os parceiros de interacção. Berger e Luckmann falam, por isso, de um “mundo” que é permanentemente confirmado através da “realidade enquanto outros”, é mantido de pé através do ininterrupto “matraquear de uma máquina de conversação”. Pode ver-se neste caso uma razão para a acentuada durabilidade, a persistência da marcação cultural. Ela baseia-se

no facto de os padrões culturais serem transmitidos implicitamente numa parte não despidianda, por exemplo, através de determinados modos de comportamento inerentes aos sentidos. A certificação corrente sobre um mundo comum consuma-se não só quanto àquilo que é explicitamente dito, mas, sobretudo, quanto ao pressuposto mudo. Hall fala, por isso, numa “Silent Language”²⁰, uma linguagem silenciosa, na qual a confrontação com o alienígena ocorre automaticamente, porque ela está profundamente depositada, na forma de evidências, nas rotinas de actuação e nos hábitos comportamentais.



Referências

1. Sandhaas, B., 1986: Interkulturelles Lernen. Zur Grundlegung eines didaktischen Prinzips interkultureller Begegnungen. In revista „Internationale Zeitschrift für Erziehungswissenschaften 4/1988, pág. 415-438.
2. Auerheimer, G., 1995: Einführung in die interkulturelle Erziehung, 2. Edição revista. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft.
3. Otten, H., 1994: Interkulturelles Lernen in Theorie und Praxis. Ein Handbuch für Jugendarbeit und Weiterbildung. Opladen, pág. 20.
4. Thomas, A., 1994: „Können interkulturelle Begegnungen Vorurteile verstärken?“, in „Psychologie und multikulturelle Gesellschaft. Göttingen: Verlag für Angewandte Psychologie, pág. 230.
5. Streeck, J., 1985: „Kulturelle Kodes und ethnische Grenzen. Drei Theorien über Fehlschläge in der interethnischen Kommunikation“, in Rehbein, J. (coord.): Interkulturelle Kommunikation. Tübingen: Narr, pág. 117.
6. Lewin, K., 1963: Feldtheorie in den Sozialwissenschaften. Bern Stuttgart: Huber, pág. 175.
7. Strauss, L., 1969: The Raw and the Cooked. Mythologiques, vol. I, London: J. Cape, pág. 17.
8. Winter, G., 1983: „Was eigentlich ist eine kulturelle Überschneidungssituation?“, in Thomas, A. (coord.): „Psychologie und multikulturelle Gesellschaft“. Göttingen: Hogrefe Verlag, pág. 54.
9. Tannen, D., 1979: "What's in a frame. Surface evidence for underlying expectations", in Freedle, R. O.: "New directions in discourse processing". Norwood N. J., pág. 138-151.
10. Tannen, 1979: 144.
11. Batholy, J., 1992: Environmental Change and its Implications for Population Migration. Springer Netherlands, pág. 179.
12. Kriskke Ramaswamy, 1985: Ethnologie für Anfänger. Eine Einführung aus entwicklungspolitischer Sicht. Opladen.

13. Hofstede, G., 1993: Interkulturelle Zusammenarbeit - Kulturen - Organisations-Management. Wiesbaden, pág. 19.
 14. Geertz, C., 1987: Dichte Beschreibung. Beiträge zum Verstehen kultureller Systeme. Frankfurt, pág. 290
 15. Hofstede, G., 1993: 20.
 16. Fend, H., 1970: Sozialisierung und Erziehung. Weinheim/Basel, pág. 45.
 17. Claessens, D., 1972: Familie und Wertsystem. Eine Studie zur "zweiten soziokulturellen Geburt" des Menschen und der Belastbarkeit der "Kernfamilie". Berlin, pág. 138.
 18. Liegler, L., Wolfgang, M., & Wilhelm, H., 1991: Osteuropäische Jugend im Wandel. Juventa Verlag, pág. 217.
 19. Sternecker, P. & Treuheit, 1994: "Interkulturelles Lernen in Theorie und Praxis". Ein Handbuch für Jugendarbeit und Weiterbildung. Opladen, pág. 36.
 20. Hall, E.T., 1959: The Silent Language. New

Comunidades beduínas de Matrouh, Egito: desvelando o mundo das mulheres e suas vulnerabilidades

por: Laura M.G. Duarte; Tahany Farig; Véronique Alary; Jean F. Tourrand; Pierre Valarié | Projeto EIVULMED
lauraduarteunb@yahoo.com.br

1. Introdução

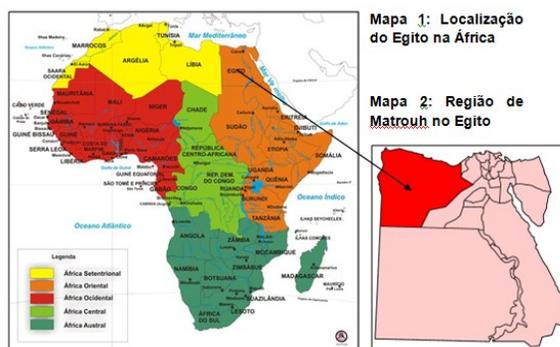
Este trabalho é resultado das atividades de pesquisa desenvolvidas no âmbito do projeto EIVULMED: "Role of livestock activities in the process of adaptation and reducing vulnerability of Mediterranean societies facing global changes" (ANR CEP&S-2011-2013), uma parceria entre o Centre de Coopération Internationale en Recherche Agronomique pour le Développement - CIRAD e o Institut National de la Recherche Agronomique – INRA, na França, e o International Center for Agricultural Research in the Dry Areas, no Egito.

Para o trabalho de campo contamos com a colaboração do doutorando Ibrahim Hawaty e do estagiário Vicente Martin que deram apoio logístico em Marsa Matrouh; do Sr. Abdalrahman que nos acompanhou durante a pesquisa nas comunidades; e das inúmeras pessoas contatadas e entrevistadas, em particular as mulheres beduínas.

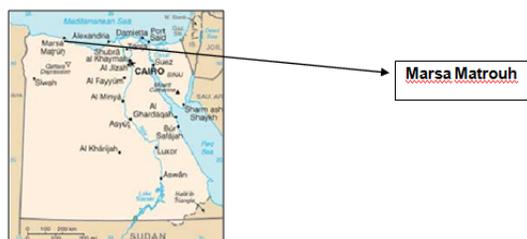
A pesquisa foi realizada durante o período de novembro de 2012 a fevereiro de 2013, tendo como objetivos identificar e analisar, com ênfase nas relações de gênero, as transformações ocorridas nas comunidades beduínas da região de Matrouh, no Egito, durante as últimas décadas, e o papel das mulheres nessas comunidades, suas percepções sobre as mudanças climáticas e sociais, e sobre o futuro. Neste artigo daremos uma visão geral do contexto e dos resultados preliminares da pesquisa, especialmente sobre as principais vulnerabilidades a que estão expostas essas populações, em particular as mulheres. É importante salientar que é bastante rica a bibliografia sobre a estrutura familiar, as mulheres e as relações de gênero no Oriente-Médio em geral, assim como sobre a questão de gênero, os movimentos feministas e o Islã¹. Entretanto, observamos uma carência de literatura específica sobre a região estudada, mais precisamente sobre as comunidades beduínas e sobre o espaço das mulheres nas mesmas. Essa lacuna é preenchida pelos trabalhos de Lila Abu-Lughod².

2. O contexto da pesquisa

A região de Matrouh, cuja capital é a cidade de Marsa Matrouh, é uma província do Egito situada no Noroeste da Zona Costeira (NWCZ). Tendo o Mar Mediterrâneo ao Norte e o Deserto do Saara ao Sul, compreende uma zona de cerca de 500 km entre a fronteira com a Líbia e a Alexandria. Os mapas a seguir mostram a localização geográfica da região de estudo.



Mapa 3: Localização da cidade de Marsa Matrouh, capital de Matrouh, no Mapa do Egito



Conforme o recenseamento de Janeiro de 2010, Matrouh contava naquele ano com uma população aproximada de 352.885 pessoas, das quais 85% eram beduínas. A população beduína está dividida entre cinco principais sub-tribos descendentes da tribo-mãe Awlad Ali, perfazendo 42 "clãs"; e organiza-se em grandes famílias de 3 a 4 gerações que vivem em comunidades.

Os beduínos são povos que habitam o deserto, nômades por tradição e regidos por um código de honra rigoroso, têm como principal atividade econômica o pastoreio. Entretanto, mesmo que ainda hoje as tendas sejam utilizadas e façam parte de sua cultura, pouco a pouco o estilo de vida tradicional tem sido abandonado e muitos trocam as atividades pastoris e a transumância pela agricultura sedentária, ou migram para a cidade em busca de trabalho.



Figura 1 - Beduínos reunidos em Marsa Matrouh, durante celebração do nascimento do Profeta Maomé

Entre os beduínos, a questão de gênero é uma questão bastante sensível e complexa. As mulheres não querem expor a si e a suas crianças ao mundo exterior, o que colocou alguns limites para a pesquisa: a exigência de não terem seus nomes identificados e de não serem tiradas fotos. Somente foram autorizadas fotos das comunidades, dos utensílios domésticos, das atividades de trabalho e dos homens, desde que previamente solicitado.

O trabalho de campo foi organizado e desenvolvido a partir de técnicas de pesquisa complementares entre si e adaptadas a esse contexto, quais sejam: 1) entrevistas semi-estruturadas com o Omnda da tribo Awlad Ali; com a Dra. Solima, primeira mulher beduína da região a realizar um doutorado, hoje uma liderança reconhecida pelo trabalho que realiza em prol dos direitos femininos; com o coordenador de um projeto de conservação de terras no deserto, Sr. Mustafa Musa Rashid; com o Diretor Geral da cultura de Matrouh, Sr. Hamad Khalid Shoib; com mulheres das comunidades beduínas; 2) registro das observações durante todo o tempo passado junto às grandes famílias ou comunidades; 3) desenho de crianças e adolescentes sobre a divisão sexual do trabalho na família e a visão sobre o futuro das meninas e meninos; 4) documentação fotográfica; 5) visita a uma fábrica de tapetes e ao Palácio da Cultura de Matrouh.



Figura 4 - Tropa de camelos

O trabalho de campo foi organizado e desenvolvido a partir de técnicas de pesquisa complementares entre si e adaptadas a esse contexto, quais sejam: 1) entrevistas semi-estruturadas com o Omnda da tribo Awlad Ali; com a Dra. Solima, primeira mulher beduína da região a realizar um doutorado, hoje uma liderança reconhecida pelo trabalho que realiza em prol dos direitos femininos; com o coordenador de um projeto de conservação de terras no deserto, Sr. Mustafa Musa Rashid; com o Diretor Geral da cultura de Matrouh, Sr. Hamad Khalid Shoib; com mulheres das comunidades beduínas; 2) registro das observações durante todo o tempo passado junto às grandes famílias ou comunidades; 3) desenho de crianças e adolescentes sobre a divisão sexual do trabalho na família e a visão sobre o futuro das meninas e meninos; 4) documentação fotográfica; 5) visita a uma fábrica de tapetes e ao Palácio da Cultura de Matrouh.



Figura 2 - Tendas no deserto



Figura 3 - Tenda desmontada

Entre os beduínos, a questão de gênero é uma questão bastante sensível e complexa. As mulheres não querem expor a si e a suas crianças ao mundo exterior, o que colocou alguns limites para a pesquisa: a exigência de não terem seus nomes identificados e de não serem tiradas fotos. Somente foram autorizadas fotos das comunidades, dos utensílios domésticos, das atividades de trabalho e dos homens, desde que previamente solicitado.

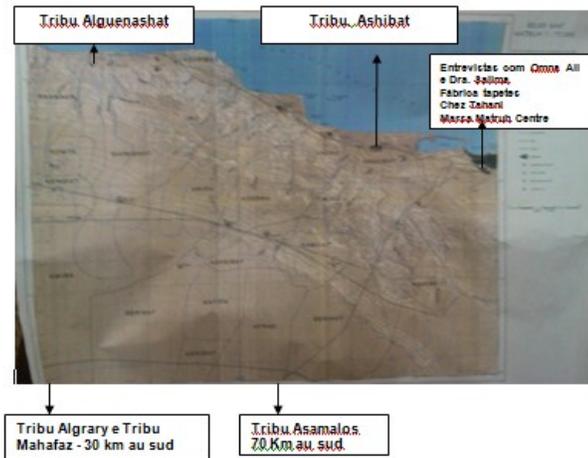


Figura 5 - Fotos do Omnda da tribo Awlad Ali durante entrevista

Ao longo do trabalho, foram concretizadas 18 entrevistas com mulheres beduínas de cinco tribos ligadas à tribo-mãe Awlad Ali: Ashibat, Alguenashat, Asamalos, Algrari e Mahafaz. A localização das tribos pode ser (como mostra) verificada no mapa a seguir.

As entrevistas foram realizadas nas próprias comunidades, onde passávamos muitas horas do dia junto com as mulheres. A presença de um grande número de crianças e de adolescentes nos permitiu trabalhar com a técnica do desenho sobre a divisão sexual do trabalho na família (trabalho do pai e da mãe) e sobre a visão de futuro.

Além da pesquisa de campo, foram realizadas pesquisas bibliográfica e síntese de obras sobre os seguintes temas: abordagem teórica sobre a questão de gênero; feminismo e Islã; mulheres e relações de gênero no Oriente Médio e Egito; gênero, meio ambiente, vulnerabilidade e adaptação às mudanças climáticas.



Mapa 4: Localização das entrevistas



Figura 6 - O breakfast (café-da-manhã) com mulheres de uma comunidade: chá, pão e comidas beduínas tradicionais



Figura 7 - Comunidades na costa



Figura 8 - Comunidades no deserto

Em termos gerais, o universo das mulheres beduínas é bastante independente do universo masculino e gira em torno da família e da comunidade³. De tal modo, cada entrevista que realizamos contou com a participação de um grande número de mulheres: as mulheres da família, as vizinhas e/ou visitantes que chegavam durante ao longo do trabalho. Mesmo que em alguns casos somente uma mulher tenha respondido às questões colocadas (em geral a mais velha, como estabelecido pela hierarquia existente no universo feminino), nossas entrevistas adquiriram um caráter nitidamente coletivo, uma vez que as respostas foram compartilhadas entre todas as mulheres presentes.

Um aspecto importante a ser frisado sobre o contexto da pesquisa refere-se às diferenças socioeconômicas existentes entre as diferentes tribos, comunidades e famílias, sobretudo, entre as comunidades situadas na costa, mais próximas da cidade, e aquelas situadas no deserto. Esse aspecto já havia sido observado em trabalhos anteriores realizados pela equipe do projeto⁴.

A proximidade ou não de estradas que permitem um acesso mais fácil aos recursos e serviços - tais como água, terra, energia elétrica, escolas, serviços de saúde, transporte, dentre outros - é um fator que tende a acentuar essas diferenças e resulta em diferentes graus de vulnerabilidade. Observamos que as comunidades mais pobres que têm dificuldades para satisfazer as necessidades básicas são as mais vulneráveis aos impactos das mudanças climáticas.

Apesar dessas diferenças e da perda de alguns saberes e práticas locais, em todas as comunidades visitadas observou-se

claramente uma forte coesão social, baseada em laços de solidariedade entre as pessoas da mesma tribo; assim como uma identidade beduína, motivo de orgulho entre os entrevistados de todas as tribos, em especial entre as mulheres. Essa identidade é baseada na cultura, nas tradições e, principalmente, nos códigos de conduta que são passados de geração a geração: a honra para os homens, a vergonha para as mulheres e a modéstia para ambos².

3. O mundo das mulheres e suas vulnerabilidades

Ao longo do trabalho de campo e a partir das falas das entrevistadas, identificamos alguns dos impactos das mudanças sociais e ambientais, assim como as principais vulnerabilidades a que estão sujeitas as populações de Matrouh. Ligadas a uma combinação de fatores e de mudanças no contexto político, ambiental, econômico e sócio-cultural, essas vulnerabilidades representam riscos diretos ou indiretos sobre a sustentabilidade das atividades e da qualidade de vida dessas populações, em particular das mulheres.

Somada às incertezas do contexto político no Egito advindas da chamada "Primavera Árabe", a vulnerabilidade política em Matrouh pode ser observada pela presença massiva do exército e a conseqüente militarização do território beduíno. As relações entre esses dois atores acarreta uma insegurança permanente e conflitos que vão desde a posse e uso da terra, até choques entre a polícia e grupos de beduínos, como o ocorrido em 23 de janeiro de 2013 que resultou em vários feridos e prisões, conforme veiculado nos meios de comunicação.

As mudanças climáticas, assim como a conseqüente

vulnerabilidade ambiental a que estão sujeitas, são percebidas por grande parte das entrevistadas. As alterações drásticas no clima, com secas mais intensas e prolongadas; a crescente escassez de água para os animais, plantações e mesmo para as famílias; o processo de erosão e/ou salinização de terras beduínas que eram utilizadas para o cultivo de alimentos e que deram lugar à expansão do turismo; o paulatino desaparecimento dos pastos para alimentar as tropas e de plantas medicinais terapêuticas e cosméticas antes existentes no deserto; são alguns dos impactos percebidos em seu cotidiano.

Na maior parte das entrevistas observamos uma quase total falta de informação sobre o assunto. Mesmo percebendo as mudanças climáticas e seus efeitos no cotidiano de suas vidas, as mulheres não encontram uma explicação racional para suas causas e acabam atribuindo-as “ao desejo de Deus”.

Privadas do acesso à educação e à informação, as beduínas contam apenas com seus saberes e práticas tradicionais para se adaptarem às mudanças climáticas. Buscando manter a qualidade de vida de suas famílias, as mulheres desenvolvem algumas estratégias de adaptação: acumulam e guardam a água das chuvas e cuidam das águas dos poços; estocam sementes e alimentos; fazem conservas dos produtos alimentícios perecíveis e doces com as frutas; secam alguns alimentos como cebola, alho e tomate; utilizam a lã das ovelhas para fazer cobertas e travesseiros; cuidam das ervas medicinais que ainda existem e preparam medicamentos caseiros; as mais velhas ainda tecem tapetes e produzem alguns artesanatos para serem vendidos nas cidades.

Em outra direção e de forma pioneira, identificamos na região um projeto de recuperação de 25 mil hectares de terras no deserto. Em entrevista, o Coordenador do projeto, o Sr. Mustafa Musa Rashid, apontou as dificuldades enfrentadas para dar continuidade a esse tipo de ação de adaptação reativa aos impactos das mudanças climáticas⁵, porém salientou os resultados positivos. Segundo seu depoimento, o projeto traz imensos benefícios para as comunidades envolvidas, em particular para as mulheres que se beneficiam com o acesso às plantas medicinais, flores e sementes existentes na área. As fotos a seguir mostram a diferença da vegetação entre as terras do projeto, que há dois anos não são utilizadas para pastagem, e as terras vizinhas que não fazem parte do projeto.



Figura 9 - Terras do projeto

Figura 10 - Terras vizinhas

Os sistemas de produção e de adaptação tradicionais das comunidades beduínas mostraram-se sustentáveis ao longo do tempo do ponto de vista cultural, social, ambiental e econômico. Entretanto, em razão dos impactos do recente e acelerado processo de mudanças climáticas que afetam os

meios de subsistência e colocam em risco a segurança alimentar; assim como das mudanças na utilização das terras, cada vez mais voltadas para grandes projetos turísticos em detrimento da produção de alimentos, como registrado nas observações do trabalho de campo; atualmente mostram-se insuficientes para sustentar e manter as famílias beduínas no deserto.

Com a escassez de água e de pastos para suas tropas, sobretudo durante os períodos de seca, os homens têm sido forçados a migrar em direção aos centros urbanos em busca de emprego e/ou no intuito de desenvolver outras atividades desvinculadas ao pastoreio, tais como o comércio, o turismo, ou mesmo a construção civil. O setor do turismo se mostra bastante rentável e vem se desenvolvendo de forma acelerada em toda a região da costa.



Figura 11 - Empreendimentos turísticos em expansão

Durante a migração dos homens, as mulheres e crianças permanecem nas comunidades. Não é raro encontrar mulheres e suas crianças sendo acolhidas pela grande família durante a ausência do marido, que pode estar trabalhando em algum lugar da Líbia ou em cidades do Egito.

Assim, a vulnerabilidade econômica, intimamente ligada à vulnerabilidade ambiental, se manifesta principalmente pela crise do sistema pastoril que, muitas vezes, leva à venda das terras e do gado e gera o aumento do desemprego na região. Outro resultado, não tão visível e pouco discutido, mas que representa da mesma forma uma vulnerabilidade para as comunidades beduínas, são as atividades de contrabando de artigos alimentícios, de chá, cigarros, armas e de drogas, desenvolvidas nas rotas que cortam o deserto da Líbia ao Egito e que envolvem principalmente as populações mais jovens.

Alguns desses aspectos, especialmente no que se refere aos impactos sobre as atividades pastoris e os modos de vida das populações, já haviam sido observados em trabalho desenvolvido pela equipe do projeto e foram confirmados nas entrevistas.

Nas comunidades beduínas, a segregação e as relações de gênero são baseadas em uma estrutura social patrilinear e patriarcal que resulta em desigualdades de gênero. No entanto, essas desigualdades não podem ser entendidas senão como uma construção social, uma vez que os códigos de conduta, os papéis sociais e os padrões da divisão sexual do trabalho são transmitidos desde cedo às crianças, se constituindo como elementos chave para a compreensão do que aqui denominamos de vulnerabilidade de gênero.

Em alguns casos, as precárias condições de vida e de trabalho (inclusive para o preparo dos alimentos como mostram as fotos abaixo), a inexistência de serviços públicos de qualidade, assim como a perda dos saberes e práticas tradicionais, são

aspectos que dão visibilidade às vulnerabilidades sócio-culturais e de gênero a que estão expostas as mulheres. Essas condições são mais frequentes em comunidades do deserto que ainda não têm eletricidade, contam apenas com escolas primárias e, praticamente, com nenhum atendimento à saúde.



Figura 12 - Antigo forno a lenha e o forno a gás utilizado atualmente para assar o pão

Para ter acesso aos serviços de saúde é preciso se deslocar até a cidade mais próxima, o que se torna inviável para as populações mais pobres, em virtude do preço do transporte e das distâncias a serem percorridas. Essas dificuldades são, quase sempre, supridas pelos laços de solidariedade que unem os beduínos de uma mesma família, comunidade ou tribo, e as “caronas” são sempre um meio de locomoção possível.

O acesso à educação formal é igualmente precário e limitado. Quando existem, as escolas atendem somente o nível primário e, na maioria das vezes, se encontram longe das comunidades, o que dificulta o acesso das crianças. Além disso, as dificuldades para as meninas seguirem os estudos aumentam proporcionalmente à idade, uma vez que dificilmente os pais permitem que elas se afastem da família para frequentarem as escolas na cidade quando se tornam adolescentes.

Os beduínos são povos de tradição oral. A cultura, os saberes e as práticas locais são transmitidos em processos informais no cotidiano da vida comunitária. Tradicionalmente, histórias são contadas na forma de poesia, sendo que as mulheres têm um papel fundamental nesses processos de transmissão oral da cultura e dos costumes⁶.

Os desenhos das crianças e adolescente refletem esse processo de socialização. Revelam, também, que a visão de futuro para as meninas não mais inclui algumas atividades desenvolvidas pela mãe como, por exemplo, tecer os tapetes, fazer o pão no fogão a lenha e cuidar dos pequenos animais, mas está diretamente vinculada às imagens da casa. Por outro lado, a visão de futuro para os meninos reflete quase fielmente o contexto das atividades dos pais.

Dos 20 desenhos feitos pelas meninas, somente quatro mostraram uma visão de futuro que foge do padrão convencional: duas se vêem como professoras e duas como médica. As fotos seguintes são um exemplo desta perspectiva diferenciada de futuro desenhada pelas meninas.

Em diversas entrevistas, as mulheres afirmam que os meninos não gostam de estudar e não querem ir para a escola. Em consequência, deverão continuar com os trabalhos do campo e dos rebanhos como seus pais. Ao contrário, as meninas querem ir para a escola, gostam de estudar e sonham em trabalhar fora de casa e “ser alguém”. Além disso, segundo a Dra. Solima, as mães se dão conta da importância de enviar suas filhas à escola e sonham que elas possam ao menos ler e escrever.



Figura 13 - Desenhos de menina beduína de 09 anos: A mãe e os trabalhos domésticos . Seu futuro: a casa



Figura 14 - Desenhos de menino beduíno de 09 anos : O pai, a tenda, a casa e os animais . Seu futuro: a tenda, a casa e os animais



Figura 15 - Desenhos de menina beduína de 07 anos: A mãe e os trabalhos domésticos . Seu futuro: médica

A associação entre o “ser alguém” e o trabalho fora de casa é um elemento novo no imaginário feminino das comunidades beduínas. Atualmente, mesmo que tenham estudado, são raras as mulheres que trabalham fora de casa. Trabalhar fora de casa ainda hoje não é bem visto e pode acarretar consequências para elas, como o risco de não encontrar pretendente para casar. Isso pode explicar porque algumas jovens estudantes nos declararam que não pretendem trabalhar.

Tradicionalmente, os casamentos são escolhidos e arranjados entre as famílias e, como regra geral, os noivos não podem ter contato antes do casamento, salvo se fizerem parte do mesmo grupo parental e já se conhecerem. Ainda é muito comum o casamento entre primos de primeiro, segundo e terceiro grau. Dessa forma, tem sido mantida a linhagem familiar e o patrimônio tribal.

Conforme entrevista com o Omna, os casamentos entre pessoas de tribos diferentes, motivos de conflitos no passado, são hoje permitidos. Outras mudanças sociais significativas foram relatadas nas entrevistas, notadamente no que se refere à idade de casar e ao número de filhos. Atualmente, os casamentos são realizados mais tardiamente, as meninas que antigamente casavam em torno dos 13 anos, hoje casam com 16 anos ou mais. O número médio de filhos por família diminuiu de 10 para 06.

Segundo as entrevistadas, as festas de casamento que antes da islamização eram compartilhadas por homens e mulheres, são

hoje realizadas em ambientes separados: o ambiente masculino e o ambiente feminino. Assim como os casamentos, os nascimentos também são muito comemorados, ocasião em que são oferecidos presentes à criança e à mãe, como mostram as fotos a seguir.



Figura 16 - Colar de pedras perfumadas e cesta de (produtos) cosméticos oferecidos às parturientes

Num mundo segregado, as mulheres beduínas desenvolvem suas próprias estratégias de adaptação e resistência às vulnerabilidades sócio-culturais e de gênero. São bastante vaidosas e tradicionalmente usam muitas joias, antigamente fabricadas em prata e atualmente em ouro. O ouro representa não apenas o status do marido e da família, mas significa, também, uma segurança para a mulher. Ao contrário dos véus e dos mantos pretos utilizados em público (o uso da burca é comum, mas não obrigatório), no ambiente privado e em ocasiões especiais, como os casamentos, as roupas usadas pelas mulheres são coloridas e com muito brilho.



Figura 17 - Vestidos de festa e acessórios fabricados e usados pelas mulheres beduínas

Apesar da manutenção de boa parte das tradições, observa-se uma perda crescente de alguns saberes que foram desenvolvidos pelas sociedades beduínas ao longo dos séculos. Nos tempos de nomadismo, as mulheres não apenas teciam os tapetes que serviam para construção das tendas, como também eram responsáveis pela montagem e desmontagem das mesmas. Nas duas últimas gerações, a arte da tapeçaria foi abandonada e esse patrimônio cultural está sendo esquecido. Enquanto as mulheres mais velhas mostram com orgulho os tapetes feitos por elas ou suas mães, as mais jovens demonstram certa indiferença por essas relíquias guardadas ao longo do tempo. Segundo as entrevistadas, os tapetes sintéticos e os carpetes fabricados industrialmente são mais práticos, mais bonitos e "modernos".

Uma tentativa de recuperação da arte da tapeçaria está sendo desenvolvida no âmbito do projeto Matrouh Resource Management Project (MRMP). Esse projeto do Banco Mundial desenvolvido com o apoio do Ministério da Agricultura do Egito (MALR) mantém uma fábrica de tapetes cuja produção é vendida aos turistas nas cidades, em particular aos europeus e

americanos que apreciam os tapetes feitos à mão.

Visando a conservação e o resgate dos saberes locais e da arte beduína, esse empreendimento pode ser considerado como uma estratégia de adaptação dos tipos reativa e planejada ⁷, além de representar uma fonte suplementar de recursos para as famílias.



Figura 18 - Tapetes produzidos por mulheres (faixa etária dos 70 anos). Tribos Ashibat, Alguenashat e Algrari

4. Considerações finais

Os resultados da pesquisa evidenciaram a importância das mulheres para a sustentabilidade social e cultural, assim como para os processos de adaptação às mudanças climáticas nas comunidades beduínas de Matrouh, contribuindo para preencher a lacuna existente na literatura sobre o tema e a região.

A pesquisa de campo nos proporcionou uma visão ampla do potencial de resiliência das populações beduínas em geral, e das mulheres em particular; potencial que está alicerçado na coesão social, na autoestima e na ética de solidariedade para com seu povo, sua biodiversidade, sua cultura e sua história.

Entretanto, o sistema patriarcal e patrilinear, base das relações de gênero, da segregação e da divisão sexual do trabalho, resulta, ainda hoje, em desigualdades e em diferentes graus de vulnerabilidade entre mulheres e homens.

Com isso, a forma diferenciada a que mulheres e homens beduínos são expostos aos impactos das mudanças sociais e climáticas acaba por aprofundar a vulnerabilidade de gênero, uma vez que, na maioria dos casos, as mulheres mais velhas foram privadas do acesso à educação e à informação, da liberdade de ir e vir, como também de autonomia financeira e poder de decisão.

Ainda assim, são elas que, na ausência dos homens, permanecem nas comunidades para gerir os riscos e o cotidiano das famílias, contando apenas com a solidariedade das outras mulheres e com seus saberes e práticas tradicionais para desenvolver estratégias de adaptação às mudanças.

Praticamente excluídas do domínio público, reservado aos homens, permanecem no espaço privado, sendo responsáveis pelo processo de socialização das crianças, pela segurança alimentar e reprodução das famílias; pela conservação das espécies vegetais utilizadas para a alimentação, medicamentos e artesanato; pelo cuidado de pequenos animais; pela gestão do uso doméstico e comunitário da água.

Essa carga de responsabilidades não deixa nenhuma dúvida quanto à importância das mulheres no que concerne à sustentabilidade das famílias, da vida comunitária e da cultura beduína. Mesmo assim, suas atividades não são devidamente valorizadas e, tampouco, mensuradas do ponto de vista da adaptação e da sustentabilidade.

Entendemos que, apesar dos avanços, ainda há um longo caminho a ser percorrido e que muito resta a fazer no sentido ,

de dar visibilidade às ações silenciosas das mulheres beduínas, assim como de lhes fornecer acesso aos meios necessários para alcançar a autonomia indispensável para que suas ações se tornem mais efetivas e ganhem reconhecimento. Do ponto de vista prático, este trabalho nos permitiu vislumbrar com mais clareza os limites e as possibilidades para que isso aconteça.

Do ponto de vista teórico e metodológico, percebemos o quão árdua é a tarefa daqueles que pretendem trabalhar utilizando uma abordagem interdisciplinar e tendo como objeto de estudo temas e problemáticas sensíveis, como a questão ambiental articulada à questão de gênero. Isso é ainda mais verdadeiro quando a pesquisa se desenvolve em tempos e contextos difíceis do ponto de vista político e complexos do ponto de vista cultural, como é o caso da região estudada. Este projeto encarou o desafio e abriu os caminhos para que novos estudos sejam realizados.

Finalizamos com uma observação feita durante o trabalho de campo "... verdadeiras guerreiras, as mulheres tem um papel central na família. As avós, as mães e as tias são referências para as crianças e adolescente; portadoras de saberes e práticas milenares e dialeticamente abertas para as mudanças, elas são o eixo ao redor do qual tudo se constrói, se reproduz e se reconstrói nas comunidades beduínas de Matrouh..."⁸.

Referências

1. PERISTIANY, J. G. *Mediterranean Family Structures*. Cambridge University Press and The Social Research Centre, Cyprus. 1976.
- MERIWETHER, M.; TUCKER, J. *Social History of Women and Gender in the Modern Middle East*. Westview Press, Boulder, CO, 1999.
- BECK, Lois; KEDDIE, Nikki. *Women in the Muslim World*. Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts, London, England. 1978.
- GÖÇEK, Fatma M. and BALAGHI, Shiva. *Reconstructing Gender in the Middle East*. Tradition, Identity, and Power. Columbia University Press. 1994.
- ZÉNIÉ-ZIEGLER, Wedad. *La face voilée des femmes d'Egypte*. Ed. Mercure de France.
- KEDDIE, Nikki; BARON, Beth. *Women in Middle Eastern History*. Shifting Boundaries in Sex and Gender. Yale University Press, New Haven and London. 1991.
- KEDEM-FRIEDRICH, Peri and AL-ATAWNEH, Maged. Does modernity lead to greater well-being? Bedouin women undergoing a socio-cultural transition.

Kluwer Academic Publishers *Social Indicators Research* 67: 333-351, 2004. Netherlands.

<http://link.springer.com/article/10.1023%2FB%3ASOCL0000032342.88375.51?LI=true>

NELSON, Cynthia. The Desert and Sown. Nomads in the wider society. *Research Series* n. 21. Institute of International Studies, University of California, Berkeley, 1973.

ALI, Zahra. *Féminismes islamiques*. La fabrique editions, 2012.

LEONETTI, Isabel Taboada. *Les femmes et l'Islam*. Entre modernité et intégrisme. L'Harmattan. 2004.

GÖÇEK, F. M. Islam and Gender. In: *Islam and Gender*. 2001 Elsevier Science Ltd. All rights reserved. International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences (7913-7916) <http://www-personal.umich.edu/~gocek/Work/bc/GocekMuge.bc>.

ABU-LUGHOD, Lila. Do Muslim women really need to be saved? anthropologic considerations on the cultural relativism and its others. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 20(2): 451-470, maio-agosto/2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2012000200006>

2. ABU-LUGHOD, Lila. *Writing Women's Worlds*. Bedouin Stories. Berkeley/Los Angeles, University of California Press, 1993.

_____. A Community of Secrets: The Separate World of Bedouin Women. *Signs*, Vol. 10, No. 4, Communities of Women. (Summer, 1985), pp. 637-65. http://www.uio.no/studier/emner/sv/sai/SOSANT2260/v12/Abu-Lughod_Lila_3174307.pdf.

_____. *Veiled Sentiments. Honor and Poetry in a Bedouin Society*. University of California Press. London. s/d.

3. ABU-LUGHOD, Lila. A Community of Secrets: The Separate World of Bedouin Women. *Signs*, Vol. 10, No. 4, Communities of Women. (Summer, 1985), pp. 637-65.

4. *Some Elements & Ideas for the Proposal of AIRD-STDF Project About Co-Viability in Bedouin Area, NW CZ, Egypte. Adaptation au changement global des sociétés bédouines de la Côte Nord Ouest, Egypte*.

5. AL HAMNDOU, D.; REQUIER-DESJARDINS, M. Variabilité climatique, désertification et biodiversité en Afrique : s'adapter, une approche intégrée. *Vertigo*. La revue électronique en Sciences de l'environnement. Vol. 8, N. 1 (Avril 2008).

6. ABU-LUGHOD, Lila. *Writing Women's Worlds*. Bedouin Stories. Berkeley/Los Angeles, University of California Press, 1993.

7. AL HAMNDOU, D.; REQUIER-DESJARDINS, M. Variabilité climatique, désertification et biodiversité en Afrique : s'adapter, une approche intégrée, *op. cit.*

8. Observações de Laura Duarte, em pesquisa de campo. Novembro de 2012.

NOTÍCIAS

XXIII Encontro da AULP, Minas Gerais, Brasil, 2013

Cooperação e desenvolvimento nos países de Língua portuguesa - papel das universidades



De 9 a 11 de Junho de 2013 vai-se realizar o XXIII Encontro da AULP em Belo Horizonte no Brasil.

Os temas centrais do Encontro são:

- Processos de inclusão e de avaliação do ensino superior
- Impactos acadêmicos dos intercâmbios internacionais e suas formas de financiamento
- Montagem de projetos de pesquisa e pós-graduação conjuntos
- Parcerias internacionais em projetos de extensão universitária.

A REALP estará presente através do Prof. João Serôdio da UAN (Angola) e do Prof. João Nildo de Souza Vianna do CDS, UnB (Brasil).

Ambos apresentaram os objetivos globais da REALP, nomeadamente no que se relaciona com o importante papel que esta poderá ter na montagem de projectos de pesquisa e de pós-graduação conjuntos.

Focaram a experiência de cooperação e mobilidade conseguida nos últimos anos, focando igualmente a planificação de trabalho para os próximos anos acordada no último Encontro da REALP realizado em Luanda.

NOTÍCIAS

EcoP|2013 | Congresso Internacional de ECOLOGIA EM PORTUGUÊS | Lisboa, Portugal Junho 2014



OBJETIVOS

Promover o progresso da ciência ecológica no espaço Lusófono através do fortalecimento da cooperação entre investigadores, instituições e sociedades científicas que desenvolvam actividades neste domínio.

MOTIVAÇÃO

A crescente intervenção humana nos ecossistemas, os impactos gerados pela mesma e a sustentabilidade do planeta terra constitui sem dúvida uma das principais preocupações das sociedades modernas.

A ciência ecológica é detentora de um vasto conhecimento acerca dos sistemas naturais permitindo uma maior compreensão de como gerir, restaurar ou criar os ecossistemas que podem providenciar os serviços ecológicos chave que garantam a persistência de vida no nosso planeta.

Para conseguir este objectivo os ecólogos têm contudo de formar alianças a escalas e através de processos até então pouco explorados, a fim de permitir decisões ecologicamente informadas, direccionar a investigação para a sustentabilidade e estimular

A investigação ecológica no espaço que partilha a língua Portuguesa, e que se distribui pelos cinco continentes, tem produzido resultados espacial e temporalmente fragmentados no espaço e no tempo.

O azoto: um bem para “usar com conta, peso e medida”

por: Maria Amélia Martins-Loução, Cristina Cruz, Cristina Branquinho, Teresa Dias, Pedro Pinho | Universidade de Lisboa. Centro de Biologia Ambiental. Campo Grande. C2. Piso 5. 1749-016 Lisboa. Portugal | maloucao@ul.pt

O ciclo do azoto (também denominado nitrogénio) representa um dos pilares da sustentabilidade da vida na Terra. Actualmente, o Homem coloca no sistema mais de 1.5 vezes a quantidade de azoto introduzida através dos processos naturais, provocando alterações globais com efeitos na biodiversidade, clima e saúde humana. Justifica-se, assim, a procura de melhores opções para a gestão do ciclo do azoto.

O aumento da qualidade de vida e do valor (e poder) económico das regiões está, cada vez mais, ligado ao desenvolvimento de uma abordagem integrada da gestão do azoto tendo por base o aumento da eficiência de uso dos nutrientes e a monitorização dos impactos ambientais das explorações agrícolas e industriais.

O azoto é crucial para todas as formas de vida na Terra, sendo o quarto elemento mais abundante na sua biomassa. Constitui cerca de 80% da atmosfera terrestre. No entanto, a maior parte dele encontra-se na forma molecular, N_2 (azoto não reactivo), cuja tripla ligação atómica lhe confere uma elevada estabilidade, tor-

nando-o inacessível para os organismos eucariotas e para a maioria das bactérias. Assim, a disponibilidade de azoto numa forma utilizável pelos organismos é uma grande limitação à produtividade dos ecossistemas.

As bactérias fixadoras de azoto são os únicos organismos capazes de transformar o azoto não reactivo em formas de azoto reactivo, que inclui: óxidos de azoto (NO_x - óxido nitroso, óxido nítrico, nitrato, nitrito) e azoto reduzido (NH_y - nas formas molecular e iónica; e orgânico). Estas bactérias existem em vida livre ou em simbiose com as plantas (terrestres e aquáticas) e fungos (líquenes). Uma vez disponível, os organismos vivos são os principais agentes de interconversão do azoto nas suas várias formas. As plantas utilizam o azoto principalmente sob a forma inorgânica e os animais sob a forma orgânica.

1. Custos e benefícios

A passagem de azoto não reactivo a azoto reactivo ocorria exclusivamente por processos naturais tais como fogos, trovoadas, erupções vulcânicas e pela fixa-

ção biológica nos ecossistemas naturais e na agricultura extensiva. Existia um equilíbrio no sistema: todo o azoto fixado retornava, por via biológica, à forma não reactiva para a atmosfera. A revolução industrial (século XIX) e em particular a descoberta de processos industriais para a produção de fertilizantes azotados (processo de Haber-Bosch – século XX) foram factores decisivos na transformação da agricultura no sentido da exploração intensiva, e são responsáveis pelo desequilíbrio no ciclo do azoto (a quantidade de azoto que passa à forma reactiva ultrapassa a que regressa à não reactiva). Estas alterações sustentaram o crescimento demográfico e a alteração dos padrões de consumo.



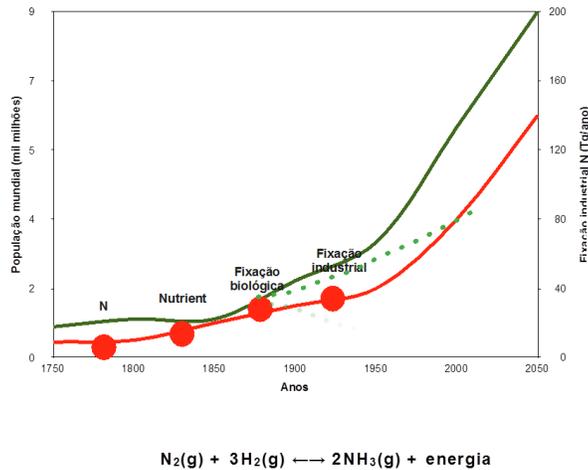


Figura 1 - Evolução do conhecimento científico sobre o azoto ao longo dos séculos e sua relação com o aumento da população mundial (a verde) e a fixação industrial de azoto atmosférico. A tracejado encontra-se a evolução da população se não tivesse sido inventado o processo de fabrico de fertilizantes. 1772, N foi descoberto por D. Rutherford; 1844, Liebig descreve-o como nutriente; 1888, Beijerinck isola as primeiras bactérias fixadoras de azoto atmosférico; 1910, Haber descobre o processo químico que permite a fixação antropogénica

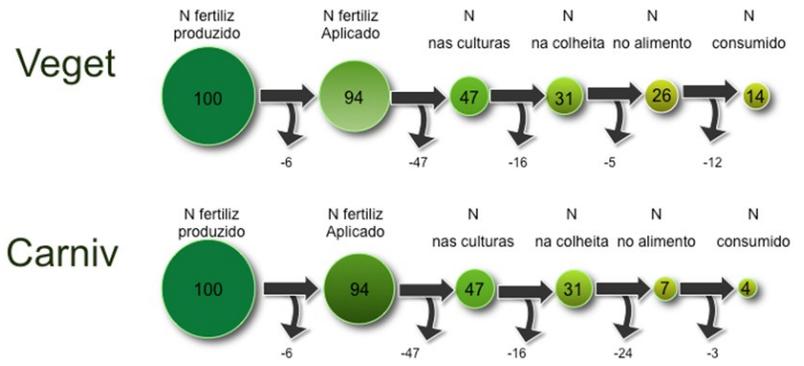


Figura 2 - Perdas de azoto ao longo do processo de produção de uma dieta à base de vegetais (topo) ou de carne (em baixo). Todo o processo começa na produção de fertilizantes, passa pelo transporte até à adição no campo, e percorre toda a cadeia produtiva na planta até ao final da cadeia no consumo humano. No mundo ocidental a produção atinge um valor de 20 kg N/ano/pessoa apesar da necessidade básica ser de 2 kg

Os benefícios do azoto podem, assim, ser vistos pela capacidade de sustentar a população mundial, através da produção de azoto reactivo na forma de fertilizantes e assim sustentar a população mundial. Sem este acesso ao azoto reactivo, a produção agrícola seria cerca de metade da produção actual, pelo que para manter a população humana mundial e satisfazer a crescente procura de alimentos mais ricos em proteína (e.g., leite e carne), a utilização de fertilizantes é uma necessidade incontornável.

No Brasil, nos últimos 40 anos, a produtividade das 16 principais culturas aumentou três vezes, à custa de um aumento médio anual de 5.8% na adição de fertilizantes. O Brasil é, actualmente, o quarto maior consumidor mundial de fertilizantes, embora essa posição represente apenas 6% do consumo mundial. A China (33%), Índia (17%) e Estados Unidos (12%) juntos consomem 62% de todo o fertilizante mundial. Na Europa, o azoto aplicado aos campos de cultivo como fertilizante corresponde a cerca de 11 Tg (milhões de toneladas) por ano mas os benefícios deste uso de fertilizantes são ultrapassados pelos custos das perdas de azoto que foram estimadas entre 70-320 mil milhões de euros.

Actualmente, as culturas estão dependentes em mais de 50% do azoto proveni-

ente de fertilizantes sintéticos mas só metade do fertilizante aplicado é utilizado pelas plantas. Esta necessidade de adicionar fertilizante para além do que é usado directamente pela planta está relacionado com a pressão económica de uma produção intensiva (produzir mais em menos tempo) e com o custo/acesso relativamente fácil a fertilizantes (à excepção dos países mais carenciados). Por estas razões metade do azoto adicionado perde-se para o ambiente, para as toalhas freáticas ou para a atmosfera.

2. Os impactos da deposição de azoto em ecossistemas naturais

Uma vez que a grande maioria dos solos é deficitário em azoto, o aumento da sua disponibilidade leva a um aumento da produtividade dos ecossistemas. No entanto, a deposição de azoto em muitos dos ecossistemas naturais excede largamente o que é utilizável pela vegetação característica desse mesmo ecossistema, originando desequilíbrios nutricionais e, conseqüentemente, alteração da biodiversidade e das funções e serviços desempenhados pelo ecossistema. Os impactos negativos da deposição de azoto incluem, a eutrofização de ecossistemas, alteração do pH dos solos, contaminação dos aquíferos por nitratos, formação de partículas atmosféricas com impacto na saúde humana, alterações do balanço de radiação,

e alterações climáticas. Dado que as formas de azoto reactivo são interconvertíveis, uma molécula de azoto reactivo, no seu percurso ao longo dos ecossistemas terrestres e aquáticos, pode contribuir para uma cascata de efeitos, cada um dos quais com potencial para afectar a biodiversidade. Os maiores impactos, 75%, advêm do efeito do NO_x e NH₃ na saúde humana e nos ecossistemas.

3. Esforços colectivos

Para além do reconhecimento da gravidade do problema, o estudo do efeito do azoto reactivo no ambiente tem avançado. Evidências dos efeitos negativos foram apresentadas em conferências a nível mundial e têm sido tema de inúmeros artigos internacionais.

O primeiro passo é diminuir as emissões de azoto reactivo. O segundo passo é abordar o assunto por forma a promover a resolução do problema através da cooperação internacional com a implementação de políticas integradas. Particularmente, a racionalização dos fertilizantes é cada vez mais necessária e isso só poderá ser conseguida com uma interação entre sociedade e empresas. Este é um desafio que terá de ser continuamente colocado à comunidade científica a fim de promover medidas eficazes de mitigação e de gestão dos compostos azotados.



Amely Zavattieri

DESTAQUE

Professor Othon Henry Leonardos indicado para a mais alta distinção da Universidade de Brasília

por: João Nildo de Souza Vianna & Manuela Morais | CDS, UnB, Brasil & UE, Portugal

Em sua reunião de 17/05 o Egrégio Conselho Universitário da Universidade de Brasília aprovou por aclamação, com os conselheiros aplaudindo de pé, a Proposta conjunta do Centro de Desenvolvimento Sustentável e do Instituto de Geociências para outorga do Diploma de Professor Emérito ao Geólogo, Humanista e Pensador iluminado Prof. Othon Henry Leonardos.

O Professor **Othon Henry Leonardos** é Fundador da Academia Brasileira de Ciências e do Centro de Desenvolvimento Sustentável. Cientista notável, reconhecido pela importante contribuição à Geologia e ao estudo do multiculturalismo do conhecimento tradicional.

Como pesquisador, cada projeto é uma paixão, mas é como mestre e educador que ele libera sua audácia, criatividade, coragem, inteligência e doçura de sua alma.

Sua ex-orientada de Mestrado e atual doutoranda pela Universidade Nova de Lisboa, a atriz **Larissa Maltz** assim vê seu professor:

“é tanta luz nas pedras daquela montanha, parece ouro na rocha. E brilham os olhos de quem aprende com ele que o caminho começa no coração e vai além da paisagem. Parabéns, mestre!”



Na Conferência Rio+20, Prof. Othon Leonardos entre personagens da atualidade mundial defensores dos direitos dos povos indígenas

Da esquerda para a direita: **Edgar Morin** - Famoso filósofo Francês, inspirador do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), da UnB onde o Prof. Othon é pesquisador; **Marina Silva**, Ambientalista, ex- Ministra do Meio Ambiente e candidata a presidência da república; Prof. **Othon Leonardos**; **Cacique Raoni Metuktire**, líder indígena brasileiro da etnia caiapó, conhecido internacionalmente por sua luta pela preservação da Amazônia e dos povos indígenas; **Megaron Txukarramãe** um dos mais importantes líderes indígenas dos últimos 30 anos, nascido e criado entre seu povo, os Mebengonkrê, ou Kayapó, passou boa parte de sua juventude convivendo com os índios do Alto Xingu e com Orlando Villas-Boas .

Participaram neste Número:

João Serôdio de Almeida ; Paulo Pedro Alves Pereira, Laura M.G. Duarte; Tahany Farig; Véronique Alary; Jean F. Tourrand; Pierre Valarié, Maria Amélia Martins-Loução, Cristina Cruz, Cristina Branquinho, Teresa Dias, Pedro Pinho, Amely Zavattieri; João Nildo de Souza Vianna, Manuela Morais.

Rede de Estudos Ambientais de Países de Língua Portuguesa | REALP

Manuela Morais & António Serafim

